

Reflexão

Arte de conviver com o inimigo

Domingos Sarmiento

Em vez de definir a guerra como a arte de matar, Xanana Gusmão definiu a guerra em Timor como a arte de conviver com o inimigo.

A estratégia da arte de conviver com o inimigo, definida por Xanana Gusmão e implementada a partir de meados da década de 80, parece poder servir de modelo para os dirigentes palestinos redefinirem estratégias adequadas que possam levá-los a alcançar os anseios do seu povo – fazer da Palestina um país livre e independente.

A tomada de consciência sobre a impossibilidade de ganhar a guerra, do ponto de vista militar, contra a ocupação indonésia, deu origem a novas formas de luta. Após a invasão em Dezembro de 1975, e depois de ter massacrado os 6 jornalistas estrangeiros que cobriam a ocupação, o regime de Jakarta isolou por completo o território de Timor-Leste à comunidade internacional. Daí em diante, perseguições, massacres, violações e humilhações de toda a ordem tornaram-se o dia a dia dos timorenses. O apelo do povo Maubere pelo seu direito à autodeterminação e à independência era completamente sufocada. Um terço da população timorense (mais de 200.000) foi dizimada sem que a comunidade internacional se apercebe-se do que se passava realmente. Daí a importância da estratégia de internacionalização do conflito, que se tornou a prioridade das prioridades. Mas como internacionalizar o conflito de Timor-Leste sem meios de comunicação social, sem a presença de um único jornalista estrangeiro?

Perante tal realidade e tendo plena consciência das capacidades reais e potenciais de uma possível solução militar para o conflito de Timor Leste – que eram quase nulas – a necessidade de reformular e encontrar novas formas de luta contra a ocupação indonésia era imperativa. No início dos anos 80, Xanana Gusmão, o então Comandante em Chefe das FALINTIL (Forças Armadas da Libertação de Timor Leste), traduziu essa necessidade na redefinição da própria guerra em Timor-Leste. Em vez de definir a guerra como a arte de matar, Xanana Gusmão definiu a guerra em Timor como a arte de conviver com o inimigo.

A prática diária do conceito da arte de conviver com o inimigo tornou possível a materialização da estratégia de internacionalização do conflito na década de 90. Por seu turno, a arte de conviver com o inimigo deu origem a uma nova estratégia – a indonesiação do conflito. A RENETIL (Resistência Nacional dos Estudantes de Timor Leste), organização clandestina estabelecida pelos estudantes timorenses espalhados pelas diversas universidades da Indonésia, era a responsável pelo desenvolvimento e implementação da estratégia. A necessidade de despertar a consciência do povo indonésio para a dramática situação em Timor-Leste e de conquistar a sua simpatia para a luta do povo Maubere pela autodeterminação e independência era indispensável. Convencer a camada intelectual indonésia de que a guerra não trazia nenhum benefício para qualquer das partes envolvidas tornou-se a tarefa primordial dos estudantes timorenses.

O elevado custo da guerra em Timor-Leste, incluindo o treino dos soldados, o número de soldados mortos nos combates que se travavam diariamente e, conseqüentemente, viúvas deixadas para trás com amarguras e sofrimentos desmedidos, a miséria generalizada na Indonésia e outras implicações, tanto em Timor como na Indonésia, eram as questões abordadas a nível académico, procurando, assim, através da sua camada intelectual, convencer o povo indonésio de que afinal existia um inimigo comum – a ditadura militar de Suharto.

Na verdade, a implementação da estratégia da indonesiação do conflito era a extensão da guerra de Timor à Indonésia, conquistando, desta forma, a área descuidada pelo regime de Suharto – a simpatia do povo indonésio. A necessidade de travar a luta no solo da Indonésia e retirar força ao regime de Suharto era imperiosa. Assim, considerava-se os pontos fracos do inimigo como os nossos pontos fortes e os nossos pontos fracos como os pontos fortes do inimigo. Mostrar ao inimigo os nossos pontos fortes e ocultar os nossos pontos fracos e evitar os pontos fortes do inimigo e bater nos seus pontos fracos eram as táticas mais utilizadas.

Ganhar a simpatia do povo indonésio foi uma estratégia conseguida e a pressão constante no interior do país ao seu próprio governo tornou-se inevitável. Estou convicto de que existem muitos israelitas que amam a paz, a justiça e a harmonia e que possam ser considerados como uma variável importante na luta contra a ocupação militar israelita. É necessário retirar a força ao inimigo.

A luta do povo de Timor Leste, traduzida na arte de conviver com o inimigo, cedeu mais espaço para a consecução dos objectivos apontados pela resistência timorense. A materialização da estratégia de internacionalização do conflito foi mais notável quando se tornou possível a utilização dos meios de comunicação da própria Indonésia para denunciar todos os crimes cometidos pelos militares indonésios em Timor Leste à comunidade internacional.

Os resultados práticos de implementação da arte de conviver com o inimigo foram espantosos. Para espanto de todos, posso afirmar que, nos momentos difíceis em que todos recusavam estender-nos a mão, o único país estrangeiro que nos apoiou, em termos logísticos e materiais, foi a própria Indonésia. Utilizámos o seu dinheiro, os seus meios de comunicação (telefones, faxes, rádio, etc.), transportes, medicamentos, mantimentos, os seus recursos humanos e até os seus próprios armamentos para lutar contra a sua ocupação ilegal. Por conseguinte, a luta do povo de Timor Leste ganhou uma nova dimensão na arena internacional e, também, na própria Indonésia. Conquistámos a simpatia do povo indonésio para a causa de Timor-Leste.

Tudo isso foi possível porque havia um comando único, centrado na pessoa do Comandante em Chefe das FALINTIL, Xanana Gusmão. Aqui, difere da luta do povo palestino, em que algumas facções actuam isoladamente, pois todas as actividades desenvolvidas pela resistência estavam sempre em sintonia com uma determinada estratégia, no sentido de conseguir alcançar os objectivos gerais da luta. Por isso, a possibilidade de, inconscientemente, executar as estratégias do inimigo foi, na maior parte dos casos, evitada. Dois exemplos concretos: embora a resistência timorense tivesse capacidade para responder aos massacres de Santa Cruz, em 1991, e aos massacres e pilhagens que o mundo testemunhou, após o anúncio dos resultados do referendo, em Setembro de 1999, Xanana Gusmão, na sua qualidade de Comandante em Chefe das FALINTIL, ordenou que não houvesse reacção a qualquer tipo de provocação por parte dos militares indonésios. Sabia que retaliar e soltar hostilidades só enfraqueceria a resistência e, assim, não deu nenhuma margem de manobra ao regime indonésio para justificar a sua ocupação brutal do território por mais tempo. Mostrou simplesmente que o caminho para a paz não devia passar pelo desrespeito pela vida humana. A imagem da Indonésia foi gravemente manchada, de forma irrecuperável. Timor-Leste conquistou plenamente o apoio da comunidade internacional, isolando cada vez mais a Indonésia.

A vitória de Timor-Leste na guerra contra a ocupação ilegal do regime indonésio reside na capacidade dos timorenses de convencer (mostrando exemplos) os ocupacionistas e provar que a resolução do conflito só se torna verdadeiramente real através de meios pacíficos, através de diálogo. A transferência da luta de Timor-Leste para a Indonésia através da RENETIL, organização dos estudantes timorenses considerada por Xanana Gusmão como a testa mais avançada da Frente Clandestina, foi a forma mais viável de conquistar a simpatia do povo indonésio e pressionar o seu próprio governo. Actualmente, o povo de Timor-Leste, através do seu presidente eleito, Xanana Gusmão, continua a estar empenhado no perdão e na acção para uma convivência de paz e de harmonia com a Indonésia.

A transferência da luta para territórios dos agressores ou ocupacionistas não ocorreu apenas em Timor Leste. Assim aconteceu com os vietnamitas e assim aconteceu também com a luta de libertação das ex-colónias portuguesas. O Vietname nunca ganharia a guerra sem a pressão interna nos Estados Unidos. As colónias portuguesas conseguiram ser países independentes graças aos gritos dos portugueses nas ruas de «nem mais um soldado para o ultramar». Se estas experiências, porventura, servirem de algum modo como contributo para a libertação do povo palestiniano, então conquistar a simpatia dos judeus para a causa do povo palestino, para pressionarem o seu próprio governo a aceitar a via da resolução pacífica, pode ser uma das variáveis a ser introduzida no sistema, um dos objectivos a ser materializado. A capacidade de convencer os militares israelitas a respeitarem a vida humana como valor primordial está em cada palestiniano. Resta mobilizar estas capacidades, criando os meios necessários ou as estratégias adequadas para a materialização dos objectivos apontados.